

CRÔNICA

Tarciano Ricarto tarrico@gmail.com



Se alguém lhe chamar para o bar, vá!

Embora nascidos no Ceará, Brasília foi a encruzilhada aonde a gente mais se encontrou. Tenho lembranças registradas em fotos do nosso último carnaval aqui na cidade, em 2023 — um clique para a posteridade no Setor Comercial Sul e outro no Setor de Clubes Sul. Já havíamos passado juntos um carnaval no Rio de Janeiro: Sambódromo, bar, bloco de rua...

A rua era um ponto de encontro, mas o local de reuniões mais frequentes, durante anos das nossas vidas, foi a varanda lá de casa, a poucos quilômetros do Plano Piloto. Muitas noites quase viradas, muitas conversas sobre tudo e muitos (muitos) brindes. Tim-tim!

Éramos um clã, nossas famílias se misturavam como parte uma da outra. Ela foi a sobrinha que cresceu com meus filhos e que chegou a morar comigo criança e, muitos anos depois, adulta. Virou amiga, colega de profissão, confidente e companheira de farras.

As nossas duas últimas conversas por mensagens foram convites que fizemos um ao outro para diferentes sambas de Brasília. Nenhum deles vingou. “Vai dar samba hj?”. Ela respondeu: “tava pensando nisso, mas

tô toda catarrenta”. Dias depois: “vai ter roda de samba, bora?”. Eu respondi: “estou com vontade, mas tô descansando da semana”.

Pouco menos de um mês depois, num fim de tarde de domingo no Parque da Cidade, ela caiu de um skate, bateu com a cabeça no chão e foi embora depois de uma semana e um dia na UTI, sem se despedir de ninguém.

Lembro que, no fim da tarde do domingo posterior ao do acidente, eu desci da UTI, lá no Hospital de Base, e fiquei olhando o entardecer na direção da Esplanada dos Ministérios. Era o dia da Parada do Orgulho LGBTQIA e do samba do Conic que a gente costumava combinar de ir. (Inclusive, recomendo: @oburacodotatu).

Pensei que, se a situação fosse outra, estaríamos



naquele exato momento, juntos, em um desses lugares. Será?

Uma grande amiga é convicta em dizer que a gente sempre, em qualquer situação da vida, deve colocar

o “adeus” no lugar do “até breve”, porque os planos de viver “um depois” é sempre uma ilusão, não existe.

E não existe porque a única coisa que nos pertence a cada momento das nossas

existências é o próprio momento. E esse momento pode ser tão somente o de um brinde: tim-tim, Camila!

Da próxima vez que alguém lhe chamar para o bar, vá! conderium.